

Narrativas e metáforas: *um elo na construção dos sentidos emergentes na interação*

Narratives and metaphors: a link in the construction of emerging meanings in interaction

Maria Helena Clarindo GABRIEL

Universidade Federal do Ceará
helenaclarindo@hotmail.com



Resumo: Narrativas, e como elas são construídas, carregam vários significados e estão repletas de veículos metafóricos (VMets). Através das narrativas, as ações e intenções humanas são marcadas de diversas maneiras (Bruner, 2002), entre elas, pela linguagem figurada. Assim, o objetivo principal deste artigo é apresentar uma breve discussão sobre narrativas, mostrar que podem assumir formas de metáforas (Ritchie, 2017), assim como as metáforas podem encapsular várias histórias (Ritchie, 2022). Neste intuito, apresentamos as análises de duas narrativas em contextos marcados pelo tema da violência. Para isso, desenvolvemos um diálogo entre teorias da Narrativa (Abbott, 2002; Labov; Waletzky, 1967) e Metáforas (Lakoff; Johnson, 1980; 1999), (Lakoff; Narayanan, 2010) e utilizamos a metodologia qualitativa, baseada na Análise do Discurso à Luz da Metáfora (ADM), (Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010). Corroboramos a ideia de que as narrativas conversacionais têm um potencial metafórico (Ritchie, 2017), e, assim como as metáforas e metáforas sistemáticas, são usadas para expressar ideias, pensamentos, e atitudes (Cameron, Maslen, 2010).

Palavras-chave: narrativas; *Storytelling*; metáforas.

Abstract: Narratives, and how they are constructed, carry multiple meanings and are full of metaphorical vehicles. Through narratives, human actions and intentions are marked in different ways (Bruner, 2002), such as figurative language. Thus, the main objective of this article is to present a brief discussion about narratives and show that they can take the form of metaphors (Ritchie, 2017), just as metaphors can encapsulate various stories (Ritchie, 2022). For this purpose, we present the analysis of two narratives in contexts marked by the theme of violence. In this regard, we developed a dialogue between Narrative theories (Abbott, 2002; Labov; Waletzky, 1967) and Metaphors (Lakoff; Johnson, 1980; 1999), (Lakoff; Narayanan, 2010). We

used a qualitative methodology, based on Metaphor Led Discourse Analysis (MET-LED DA), (Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010). We corroborate the idea that conversational narratives have a metaphorical potential (Ritchie, 2017), and, like metaphors and systematic metaphors, are used to express ideas, thoughts, and attitudes (Cameron, Maslen, 2010).

Keywords: narratives; Storytelling; metaphors.



1 INTRODUÇÃO

Uma narrativa é algo que construímos todos os dias, seja como arte ou artefato. Pode ser compreendida como a representação de um evento ou eventos (Abbott, 2002), o repertório incontável, materializado em gêneros (Barthes, 2006) ou uma complexa capacidade de construção do conhecimento (Schank; Abelson, 1995).

Tal complexidade nos conduz a enxergar a narrativa para além de um conceito ou de um objeto, mas também, como uma forma discursiva imbricada na cognição e na interação, enfatizando a existência de uma mente que a produz, bem como de uma mente que a reconhece (Talmy, 2000).

Logo, a narrativa é cognitiva na medida em que tanto a narração quanto a compreensão são moldadas por processos cognitivos de falantes e ouvintes. É, também, interativa na medida em que os processos de narração e compreensão dependem e moldam os contextos das conversas em que ela ocorre (Ritchie, 2022).

Por meio desses processos, seguimos compartilhando as nossas histórias, recontando outras, imaginando muitas de diversas maneiras. Mas é a linguagem instanciada que recria ou transforma a forma como vemos o mundo, ou em via oposta, como o mundo nos vê. Assim, narrativas, e como elas são construídas, carregam vários significados, não obstante, estão incrustadas de veículos metafóricos. Pois, na narrativa, as ações e intenções humanas são marcadas de diversas maneiras (Bruner, 2002), entre elas, através da linguagem figurada.

Assim, o objetivo principal deste artigo é apresentar uma breve discussão sobre narrativas e mostrar que elas podem assumir formas de metáforas (Ritchie, 2017), assim como as metáforas podem encapsular os seus vários tipos (Ritchie, 2017, 2022). Nesse aspecto, exploramos o potencial narrativo e metafórico presente nas interações¹, e, em particular, nas conversações².

Tal realização será ilustrada por meio da análise de duas narrativas. A primeira foi retirada de uma coluna na web³, e de comentários a respeito dela feitos em redes sociais. A segunda é uma amostra das análises do *corpus* pertencente à pesquisa de doutorado em desenvolvimento da

1 As formas de interação comunicativas são inúmeras, vão além daquela de natureza linguística, acontecem por meio de interações verbais e não verbais (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

2 Nas interações verbais, as conversações são a forma prototípica desse domínio; ou seja, mais representativa, privilegiada para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato, através da habilidade linguística dos falantes (Marcuschi, 1991).

3 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro>. Acesso em 26 de Maio de 2022.

autora deste artigo⁴. Nas análises utilizamos uma metodologia qualitativa, baseada em pressupostos teórico-metodológicos das Narrativas (Abbott, 2002 e Ritchie, 2017), da Linguística Cognitiva (Lakoff; Narayanan, 2010), e da Análise do Discurso à luz da Metáfora (Cameron, L.; Maslen, 2010).

2 A COMPLEXIDADE DA NARRATIVA

Definições nem sempre são construções fáceis e simples. Muitas vezes, podem ser ambíguas e complexas. São, assim, um tanto desafiadoras. Tal complexidade ocorre porque um mesmo objeto pode ser investigado por vários prismas. E tratando-se de narrativas não poderia ser diferente, pois são diversas as áreas do conhecimento, como a Linguística, a Literatura, a Psicologia, a Sociologia, a Comunicação, entre outras, que encontraram nas narrativas uma grande aliada para as suas pesquisas, seja através de uma investigação aprofundada do seu estado da arte, seja por meio do seu potencial metodológico. Assim, sem qualquer *parti pris*, começaremos por uma definição mais abrangente com o intuito de esclarecer as suas múltiplas faces epistemológicas.

Primeiramente, compreendemos que as narrativas estão presentes nos discursos humanos; fazem parte da construção do conhecimento; e possibilitam a compreensão do mundo, do outro e de si mesmo. Segundo Abbot (2002), o próprio entendimento do que somos e de quem somos só é possível quando começamos a desenvolver nossa capacidade narrativa e começamos a armazenar na memória as nossas primeiras histórias, pois “não temos nenhum registro mental de quem somos até que a narrativa esteja presente como uma espécie de armadura, dando forma a esse registro” (Abbott, 2002, p. 3).

Em segundo lugar, as narrativas são constituintes da memória, do conhecimento e da comunicação social (Schank; Abelson, 1995). Nessa intrínseca relação, construímos nosso repertório “de vida”, a partir das histórias que vivemos, que ouvimos e que inventamos. Para Abbott (2002), as narrativas são recursos universais; estão presentes em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades. Podemos, então, dizer que essa universalidade está no caráter de vida que ela carrega: um fenômeno constante na história da humanidade, que transborda de sentidos e significados o percurso próprio de quem as cria. Assim, a narrativa é criação do homem ou a materialização de sua própria existência.

⁴ Pesquisa de doutoramento intitulada “Representações sócio-cognitivas da violência no cotidiano de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza”. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Em terceiro lugar, a narrativa pode ser definida simplesmente como a representação de um evento ou uma sequência de eventos. Uma história representada discursivamente (Abbott, 2002). Nesse sentido, uma história seria condição *sine qua non* para uma narrativa existir. Tal existência é o principal recurso pelo qual o homem expressa a sua consciência sobre a dinâmica do tempo. Constrói uma organização cronológica que cria e recria uma ordem temporal através de eventos (Abbott, 2002; Ritchie, 2017).

Diante dos conceitos expostos, persistimos no caráter cognitivo desse fenômeno. Como se destaca abaixo:

A narrativa é uma função primária do cérebro, é representar o estado atual do self em seu ambiente físico e social, projetado para frente como futuros alternativos representando cursos alternativos de ação. Tanto essas projeções futuras quanto as memórias que elas trazem assumem a forma de histórias. A narrativa permeia o uso da linguagem em quase todos os contextos; foi muito provavelmente parte do uso da linguagem desde o seu início e pode ter contribuído para a evolução da linguagem (Ritchie, 2022).

Podemos dizer que percebemos o *continuum* da vida e da história por meio de narrativas, mesmo sem estruturá-las, pois nosso esquema mental⁵ é feito de experiências que armazenamos. Logo, as histórias que contamos são intrínsecas a nossa capacidade cognitiva de transitar mentalmente num espaço-tempo marcado por um encadeamento de eventos que constituem a nossa memória episódica.

Assim, em conformidade com o exposto, observamos que a narrativa se apresenta multifacetada, seus conceitos e características se acoplam a diversas áreas de investigação podendo vir a fornecer um embasamento teórico e metodológico adequado às necessidades de cada pesquisa e pesquisador.

3 DOS ESTUDOS DA NARRATIVA ÀS ANÁLISES NARRATIVAS

Os estudos da narrativa, tradicionalmente da narrativa literária, postularam o que se denominou de narratologia⁶. A narratologia é uma teoria da narrativa que examina não apenas o que as narrativas têm em comum, mas também o que as diferenciam umas das outras, e procura descrever os sistemas específicos de regras que presidem a produção e o

⁵ Um esquema é uma estrutura de conhecimento complexa que agrupa tudo o que um indivíduo conhece ou associa a um determinado conceito (FIELD, 2004). Em outras palavras, são os conhecimentos e as experiências anteriores que armazenamos na memória e que dão sentido ao mundo, as nossas ações, interações, e a nossa própria maneira de entender os acontecimentos.

⁶ Neste artigo não nos cabe um aprofundamento sobre a narratologia, visto que o nosso foco está em compreender algumas definições de narrativa e sua relação com os estudos da metáfora. Pesquisa de doutoramento intitulada "Representações sociocognitivas da violência no cotidiano de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza". O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

processamento narrativo (Prince, 1982).

Além disso, a narratologia tem se debruçado sobre a forma e a função da narrativa, examinando padrões, e exemplificando a tendência estruturalista para considerar os textos (no sentido amplo do termo) como maneiras rego-governadas com que os seres humanos (re)modelam seus universos (Prince, 1982). Dessa forma, a narratologia construiu os seus alicerces ao estabelecer padrões universais da narrativa enquanto um sistema que se manifesta nos textos narrativos.

Com base no estruturalismo, a descrição desse sistema poderia constituir um conjunto de ferramentas para explicar qualquer texto narrativo em particular (Prince, 1982). Nesse viés, apesar de uma possível negligência a qualquer referência ao que seja externo à narrativa, as bases teóricas da narratologia permitiram uma relação profícua com outros domínios do conhecimento. Conseqüentemente, seus princípios e tipologias passaram a interessar os pesquisadores das mais diversas áreas pelo arcabouço teórico que nos é apresentado.

Nessa perspectiva, não poderíamos deixar de apresentar alguns dos seus elementos principais, como o tempo, o narrador, o enredo, as personagens, e o cenário.

O tempo, já mencionado de forma breve, nos parece suceder a narrativa, já que ela cria, através dos eventos, uma ordem temporal (Abbott, 2002; Ritchie, 2017). Por outro lado, com o desenvolvimento das medidas de tempo, esse passou a situar os eventos. Todavia, a história acontece no seu próprio tempo, o tempo narrativo, e dura o tempo necessário. Além disso, uma narrativa tem o poder de transpor um tempo para outro tempo (Abbott, 2002).

É evidente que as narrativas constroem sua própria ordem cronológica, seguindo, geralmente, uma lógica que define o começo, o desenvolvimento e o final. Porém, nem sempre há uma sequência clara ou coerente, logo temos o tempo psicológico que permite o ir e o vir, ao arbítrio de quem cria ou recria a história.

Nas narrativas, outros elementos também são relevantes: o narrador, o enredo, as personagens, e o cenário, pois o homem que as cria se utiliza desse arsenal de dispositivos pré-existentes.

O narrador não deve ser confundido com o autor. O narrador é um instrumento, uma construção, um dispositivo usado pelo autor. É, também, um sujeito que se sobrepõe de várias maneiras a partir do seu ponto de vista (Abbott, 2008). E ao identificar um acontecimento reportável, define o objeto no processo da construção da narrativa, para em seguida decidir o ponto inicial. Enfatizamos que a decisão sobre onde começar é elemento crucial na construção da narrativa que reside no interesse do autor (Abbott, 2008).

O enredo é o conjunto de fatos que formam a trama. Ele tem a função de dar sequência à narrativa e traz a organização dos acontecimentos, lineares ou não, e das ações dos personagens entre si. Alguns enredos parecem universais e se adequam em vários discursos narrativos; funcionam como esqueletos, ou arquétipos, como a história da Cinderela e muitas outras (Abbott, 2002; Ritchie, 2017; Xavier, 2015).

As personagens podem envolver tipos estereotipados como o herói, o bandido, a princesa, a bruxa, além de outras comumente associadas a figuras universais ou familiares, como a *Princesa e o Plebeu*, *Romeu e Julieta* etc. (Abbott, 2002; Ritchie, 2017). A visão que temos dos personagens é de certa forma baseada em tipos pré-existentes que absorvemos de nossa cultura e dos quais, guiados pela narrativa, sintetizamos mentalmente (Abbott, 2002). Nas mais variadas histórias, as grandes personagens combinam diferentes arquétipos em personalidades que elevam seu potencial de encantamento à medida que se apresentam multifacetadas, complexas e com alguma dose de contradição (Xavier, 2015). Já o cenário, juntamente com outros detalhes narrados, cria o “mundo da história”, podendo ser real ou fictício, preciso ou inferido.

Todos esses elementos compõem as histórias que acontecem dentro do mundo da história, bem como dentro do mundo do narrador (Abbott, 2002). Vale ressaltar que o conjunto desses elementos, frequentemente, ativam mundos possíveis nos quais os acontecimentos poderiam ter tomado rumos diferentes, implicando em mundos alternativos, explícitos ou implícitos (Ritchie, 2017; 2022).

Além disso, os elementos da narrativa exercem um papel importante na construção e reconstrução de uma história que pode ser gradualmente refinada e remodelada ao se adequar ao contexto interacional. Dessa forma, esses elementos podem encorajar as pessoas a entrarem no mundo da história, envolvendo-as, aumentando a aceitação da mensagem e reduzindo uma contra-argumentação (Ritchie, 2022).

Em suma, como acabamos de ver, os elementos apresentados não se restringem à teoria da narrativa literária, e, portanto, podem beneficiar as pesquisas em análises de narrativas e serem auxiliares na reconstrução dos significados que emergem durante a interação.

4 STORYTELLING

Além das definições apresentadas na seção anterior, acrescentamos aqui um pouco mais sobre narrativas, apresentando também os conceitos de storytelling e/ou narrativa conversacional. Objetivamos, assim, esclarecer possíveis confusões, ou dúvidas, entre tais terminologias e os conceitos trazidos anteriormente. Vale ressaltar que

esses tipos de problemas, talvez, decorram pelas diversas possibilidades de uso do termo *storytelling*. Assim, pomos em evidência que:

a) *storytelling*, além de ser sinônimo de narrativa, significa literalmente “contação de história”. Nas áreas de comunicação, e outras afins, não se insere no *frame* das narrativas literárias (pelo menos por seu caráter educativo e cultural) para se inserir no *frame* de *marketing* e publicidade. Dessa forma, passa a exacerbar o seu caráter técnico, remetendo às estratégias de persuasão. Nesse viés, Denning (2007) define *storytelling* como técnicas de narrativas estratégicas de negócios, ferramentas adequadas a propósitos como o de promover marcas e produtos, principalmente em campanhas publicitárias⁷.

b) *storytelling*, também, pode ser sinônimo de narrativa conversacional, nesse sentido, pode significar pequenas histórias compartilhadas durante os mais variados tipos de interações. Assim, as narrativas são parte das conversações (Abbott, 2002; Dessalles, 2014; Ritchie, 2017), aparecem com frequência, espontaneidade e facilidade, remetendo a um acontecimento inesperado, a uma incongruência a ser resolvida.

A respeito do primeiro esclarecimento, é nítida a predominância do caráter técnico estratégico de persuasão. Todavia, o conceito trazido parece não abarcar todo o potencial da narrativa, como se faltasse algo. Tal impressão talvez se justifique pela ausência de um sujeito vivo a quem a história se destina.

Assim, Xavier (2015) ao perceber tal lacuna, insere esse elemento ao apontar como essenciais duas funções de *storytelling*: o apelo emocional, e a construção de Significado⁸. Ambas, buscam tocar a alma, despertar o interesse, fazer sentido, criar e recriar significados em busca de uma meta. Assim, o consumidor deixa de ser um receptor passivo, para ser também edificador da história, “uma narrativa compartilhada; exigência de um mundo que substituiu o “eu falo, você ouve” por “nós dialogamos a respeito da história que melhor traduz o que significamos um para o outro” (Xavier, 2015, p.111).

Se em um primeiro momento, a definição de *storytelling* parece ter negligenciado o sujeito; logo, as colocações trazidas anteriormente aparecem resgatando o seu espaço. Apesar disso, a essência de uma narrativa conversacional/ou *storytelling* ainda prevalece no valor persuasivo

⁷ As marcas descobriram que valem pouco e tendem à extinção precoce quando se restringem a um relacionamento pragmático e superficial com as pessoas. Por isso, correm para organizar suas histórias, redimensionar seu valor intrínseco, adquirir novos significados que lhes possibilitem papéis de maior relevância nas narrativas da vida de seus usuários, transformando-os em multiplicadores, conarradores e, em última instância, definidores do que a marca significa (XAVIER, 2015, p.111).

⁸ As grandes marcas perceberam que não é suficiente simbolizar este ou aquele produto. Porque precisam de Significado (com “S” maiúsculo), muito além de sua funcionalidade, praticidade, ingredientes ou preço (XAVIER, 2015, p.111).

que lhe é atribuído. Dessa forma, se optássemos por distinguir o significado de *storytelling* do significado de narrativa, diríamos que a diferença estaria, exatamente, no caráter técnico, estratégico e, por que não dizer, capitalista que se evidencia no primeiro termo. Todavia, não é essa a esteira que nos interessa aqui, a não ser por mera questão de conhecimento.

Interessam-nos as narrativas que fazem parte do cotidiano, pois compartilhar histórias é algo “quase natural”, tal qual uma necessidade fisiológica que precisamos socializar. Segundo Dunbar (1996, p.9), “o que caracteriza a vida social humana é o intenso interesse que temos na vida dos outros”, somos uma espécie que conta histórias (Schank; Berman, 2002), raciocinamos, compreendemos e explicamos as coisas através de narrativas.

Cabe ainda realçar que é comum ao homem narrar sobre a própria vida, falar dos acontecimentos, das dificuldades, das vitórias. Essas narrativas estão presentes nos mais variados contextos, em depoimentos, opiniões, rodas de conversa, debates, discussões entre amigos, família e diversos grupos. Essas atividades são as mais simples definições de narrativas conversacionais, que em língua inglesa também são chamadas de *storytellings*. Assim, a narrativa (o contar de uma história), ou *storytelling* é parte essencial da humanidade, pois

estruturamos nossas vidas por narrativas e entendemos eventos do mundo em termos de narrativas - eventos de todos os tipos, na ciência, na política, em todas as facetas da vida. Alguns desses são conscientes, outros são muito inconscientes. Dentro das narrativas de vida, cada um de nós é o protagonista, vivendo a narrativa da melhor maneira possível (Lakoff; Narayanan, 2010, p.21).

Inspirada por essas concepções, usamos as narrativas para que possamos alcançar um objetivo, que pode ser desde transmitir um conhecimento, aproximar as pessoas, entreter, até chamar atenção etc. (Dessalles, 2014; Ritchie, 2017; 2022). Dado isso, nos apropriamos da narrativa em seu sentido lato, como território fértil do conhecimento, seja através do repertório adquirido ao longo da existência; do potencial teórico-metodológico que lhe foi incumbido nas ciências, na psicologia e áreas afins; do caráter cotidiano nas conversas, ou do potencial que as narrativas representam para os estudos da linguagem, da cognição e do discurso.

6 PESQUISAS SOBRE NARRATIVAS

Labov e Waletzky (1967) foram pioneiros nos estudos que envolvem a narrativa oral. Eles se destacaram por investigarem tanto os usos da linguagem quanto a mudança linguística no contexto social, incluindo não apenas as arenas microssociais imediatas da interação face a face, mas também as estruturas mais amplas de comunidades, instituições, estrutura

social e estratificação social.

Para Labov (1997), uma narrativa começa antes de ser narrada, pois a experiência antecede a construção, há um processo de pré-construção narrativa, que se explica pelo conceito de reportabilidade, ou seja, por sua potencial relevância para a interação.

Em seus estudos, Labov e Waletzky (1967) estabeleceram uma estrutura geral para as narrativas. Segundo eles, uma narrativa mínima deve conter pelo menos duas orações articuladas cronologicamente. Já uma narrativa completa, totalmente desenvolvida, deve conter os seguintes elementos: resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda.

O resumo é uma introdução ao evento que será contado, uma breve apresentação do porquê da história, mas não é elemento obrigatório. A orientação contextualiza os acontecimentos, com informações sobre pessoas, lugares, tempo e comportamentos, e vai se desenvolvendo em uma sequência de acontecimentos, ação complicadora. A resolução é uma consequência dessa ação, revela o desfecho da ação complicadora. A avaliação explicita a postura do narrador, reafirmando a relevância da narrativa. A coda seria a síntese que demarca o fim da narrativa e que traz o narrador e o ouvinte de volta à conversa e ao momento presente da interação. Muitas vezes a coda contém julgamentos morais, ou seja, uma avaliação sobre os eventos narrados, sendo por isso também chamada de coda avaliativa (Labov; Waletzky, 1967; Labov, 1997).

Além disso, observa-se, nas pesquisas de Labov e Waletzky (1967), a ênfase dada ao aspecto formal e linear da narrativa, descrito em termos sintáticos. Substancialmente, a estrutura apresentada pelos referidos autores constitui o que se convencionou chamar de modelo canônico da narrativa (Bastos; Biar, 2015).

Contudo, abre-se um novo horizonte por meio de pesquisas mais recentes. Nesse âmbito, destacamos as realizadas por Ritchie (2014; 2017; 2022), principalmente por investigar a intrínseca relação entre narrativas e metáforas. Para o autor, uma narrativa pode estar situada em qualquer ponto de um *continuum*, entre uma história simples e uma narrativa totalmente desenvolvida (Ritchie, 2022). E no curso de uma narrativa, outros elementos, além dos já descritos, podem aparecer.

As narrativas podem conter histórias constituintes identificadas por indexação, inferências causais e motivadoras (Abbott, 2002; Ritchie, 2022). Histórias que são conhecidas ou familiares aos participantes da conversação aparecem de forma resumida e às vezes indexadas por um nome ou uma oração simples. Os indexadores, como títulos, temas, localizações, personagens, geralmente, fazem menção a histórias universais,

ou culturais, ou ainda a algum acontecimento real (Ritchie, 2022). Tais elementos ativam partes relevantes da história que está sendo contada. Por exemplo, o indexador “Romeu e Julieta” pode emergir como ilustração, ou comparação, ao se contar sobre uma história de amor, um namoro ou um romance.

Por outro lado, indexadores mais englobantes, como o “meu primeiro beijo”, podem ativar histórias diferentes, a depender do conhecimento e da experiência de cada um dos envolvidos na interação (Ritchie, 2022). Assim, à medida que as narrativas são ativadas em nossa memória e recontadas repetidamente, tendem a ser modificadas em direção ao enredo mais relevante; e isso, às vezes, acontece deliberadamente. Além do mais, essas mudanças também fazem parte do processo de reconstrução da memória.

Segundo Ritchie (2022), no dia a dia, as histórias são contadas e aludidas com frequência, fortalecendo identidades pessoais, desenvolvendo relacionamentos e mantendo laços interpessoais. Assim, nas interações, os participantes apreciam histórias conhecidas pela maioria ou por todos, como histórias familiares, histórias de relacionamentos, acontecimentos trágicos ou violentos, mas também acontecimentos emocionantes. Ainda, o autor acrescenta que as narrativas às vezes ocorrem em cadeias temáticas, seguindo um tema ou tópico introduzido por um orador anterior.

Outro aspecto evidenciado por Ritchie (2022) está no valor de entretenimento que as histórias carregam, podendo ser contadas e recontadas inúmeras vezes, principalmente se a história tiver elementos lúdicos ou satisfatórios.

Em suas pesquisas, Ritchie (2022) percebeu que durante as interações é comum o uso de palavras, expressões idiomáticas e metáforas que nos remetem às narrativas literárias, como romances e contos de fadas. Segundo ele, expressões como “palavras mágicas” e “minha vida estava em perigo” podem encorajar os ouvintes a experienciar a história tal como um conto de fadas ou fantasia. Outro ponto apontado pelo autor é que certas palavras ou expressões comuns na literatura podem se tornar metáforas idiomáticas e se adequarem a qualquer contexto.

Considerando esses aspectos, podemos dizer que, ao tratar desses elementos, o autor constrói uma ponte entre narrativas e metáforas, buscando uma investigação dos aspectos cognitivos e sociais envolvidos que podem ser evidenciados na linguagem durante a interação. Assim, trataremos na seção a seguir um pouco sobre a metáfora e como ela se apresenta nas narrativas.

8 METÁFORAS E NARRATIVAS METAFÓRICAS

Compreendemos que a linguagem também é fruto de habilidades cognitivas humanas usadas para interação social. É ao mesmo tempo o resultado dos processos de interação e dos processos da cognição. Segundo Ritchie (2022), a linguagem permite que os indivíduos colaborem uns com os outros no desenvolvimento de representações mais precisas e extensas, bem como no desenvolvimento de relações sociais complexas.

No entanto, o poder expressivo e comunicativo da linguagem não é fácil e muitas vezes limitado. Segundo Ritchie (2022), para superar essa dificuldade, incorporamos histórias, citações e alusões; explicamos nossas experiências e ideias; desconstruímos e reconstruímos sentidos.

É a linguagem metafórica que potencializa os diversos significados da palavra e os sentidos expressivos da linguagem na interação. As metáforas são múltiplas, linguísticas, conceptuais, sistemáticas; permeiam o discurso, ocupam o território fértil das narrativas e possibilitam o entendimento mútuo.

Para Lakoff e Johnson (1980; 1999), metáforas são processos naturais e inconscientes que surgem em nossa mente durante as interações. A interação verbal humana revela um amplo sistema conceptual metafórico presente e difundido pela linguagem. Nesse sentido, nos interessam os estudos da metáfora, desde a metáfora conceptual⁹ até os tipos mais contemporâneos, como a metáfora sistemática que engloba tanto os seus aspectos cognitivos, linguísticos, quanto discursivos, afetivos, pragmáticos e socioculturais.

Segundo Cameron e Maslen (2010), metáforas podem aparecer em um discurso de forma sistemática e criar uma sequência de eventos conectados, resultando em uma sistematicidade narrativa que pode ser vista como uma operação cognitiva. Tal sistematicidade quando ocorre em um discurso específico, ou durante uma narrativa, é denominada de história metafórica.

Entretanto, uma sistematicidade narrativa, quando ocorre entre grupos socioculturais, é chamada de cenário metafórico. São padrões que podem ser observados, pois são reproduzidos culturalmente. Para Musolff (2006), um cenário metafórico é um conjunto de suposições feitas por membros competentes da comunidade discursiva sobre aspectos "típicos" da situação-fonte, por exemplo, seus participantes e seus papéis, os enredos e os resultados "dramáticos", e as avaliações convencionais sobre se eles contam como bem-sucedidos ou mal-sucedidos, normais ou anormais,

⁹ A Teoria da Metáfora Conceptual é a base epistemológica da Linguística Cognitiva. Para um maior entendimento, sugerimos a leitura aprofundada de Lakoff e Johnson (1980; 1999).

permissíveis ou ilegítimos etc. Essas suposições baseadas na situação-fonte são mapeadas nos respectivos conceitos-alvo.

Segundo Cameron e Maslen (2010), histórias metafóricas ocorrem em um único evento, e são marcadas de várias formas pelo narrador. Os acontecimentos nem sempre são ligados por conectivos explícitos e os cenários metafóricos ajudam na compreensão da história, pois, eles são esquemas culturalmente enraizados, e carregam expectativas convencionais e avaliações. Ainda, os autores reforçam que cenários e histórias metafóricas devem ser vistos como aspectos complementares da narrativa relacionada à metáfora no discurso. Sob essa perspectiva, Ritchie (2010) defende que as narrativas apresentam um potencial metafórico e podem ativar emoções, percepções e, em alguns casos, completar os esquemas existentes na mente dos que participam da interação.

Portanto, à medida que as narrativas são constituintes da memória, fazem parte do processo cognitivo, social e cultural, elas também vão se constituir em metáforas, assim, uma simples metáfora pode carregar uma história inteira, e à medida que um veículo metafórico é inserido durante a interação, ele possibilita múltiplas conexões, criando e recriando sentidos e significados, bem como possibilitando interpretações e reflexões sobre o tópico discursivo.

De tal forma, metáforas frequentemente implicam histórias que se expandem em histórias metafóricas, também chamadas de narrativas metafóricas. Por exemplo, “o bom samaritano”, “o teto de vidro”, “a torre de marfim” (Ritchie, 2022). Esses tipos de metáforas ativam diversos significados, podem emergir como parte de uma provocação lúdica ou para enfatizar algum ponto da história e o processamento cognitivo profundo dessas metáforas provavelmente inclui a simulação dessas histórias implícitas ao longo da interação verbal.

Segundo Ritchie (2022), as análises envolvendo narrativas e metáforas trazem várias implicações tanto para a teoria da metáfora quanto para a compreensão da narrativa, pois esses dois processos de linguagem parecem estar fortemente interligados. Ademais, as metáforas presentes nas narrativas conversacionais parecem facilitar a experiência compartilhada de simulações perceptivas e emocionais, tanto para a compreensão das histórias quanto para o processo de interação.

Tais proposições, apontadas por esse pesquisador, coadunam-se com uma visão cognitiva, discursiva e interacional da metáfora, como parte de um processo complexo e dinâmico emergente tanto de fatores cognitivos quanto de fatores linguísticos situados socioculturalmente, capaz de revelar pensamentos, convenções culturais, emoções, atitudes e valores (Cameron, 2007; Cameron *et al.*, 2009; Cameron; Maslen, 2010; Pelosi;

Cameron; Feltes, 2014).

Portanto, considerando profícua essa imbricação entre narrativas e metáforas, procuraremos demonstrar como isso ocorre nas interações verbais que se desenvolveram sobre a temática da violência.

8 NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA

O cotidiano nas grandes cidades é repleto de incertezas, medos, inseguranças e obstáculos de vários tipos. Há a iminência de violência a cada instante, e em todos os lugares. Esse é um fenômeno que nos assombra e nos aprisiona ao passo que nos enxergamos como vítimas potenciais, ou como personagens reais de uma história que parece não ter fim. Deixando a retórica um pouco de lado, seguimos com uma investigação que pretende analisar o discurso, a linguagem figurada e as narrativas presentes no *corpus* desse estudo. Vejamos o trecho a seguir:

“Presenciei toda a cena, estava a dez metros do lugar que aconteceu, ele parou, colocou a moto no tripé e atendeu todos os comandos.”
 “Aí ele falou ao policial que estava com os remédios no bolso e tinha a receita médica para indicar que tinha problemas mentais”¹⁰.

Sobre a narrativa exposta, percebemos a necessidade do narrador em fornecer detalhes sobre esse caso de violência, evidenciando que seu objetivo estava além de dar informações, mas enfatizar a veracidade de sua narrativa, atestando sua participação. Nesse sentido, também percebemos que o acréscimo de informações parece sensibilizar ainda mais o ouvinte através do discurso indireto do narrador.

No trecho seguinte, observamos que a explicitação do tema, reforça o ponto central da narrativa: um caso de violência policial:

A gente pediu para pegar leve, que ele ia atender o que eles pedissem. Mas o policial chamou reforço [...] pegaram os braços deles, começaram a chutar as pernas e ele só perguntando: 'por que isso?' 'Por que estão fazendo isso comigo?', “O policial só pedia para gente se afastar, e aí começou uma sessão de tortura. Quiseram colocar algema nele, e [...]”¹¹.

É nítido logo na primeira linha que o narrador reforça sua função de narrador-personagem ao usar “a gente”, se colocando como sujeito responsivo, que age e tenta mediar a situação, mesmo de forma sutil, mas sem efeito. A narrativa se desenvolve e segue ampliando subjetivamente a sua dimensão. Nesse propósito, o desenvolvimento vai se caracterizando por

¹⁰ Fonte:< <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro>>

¹¹ Fonte:<<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/05/26/ele-so-perguntava-a-eles-por-que-diz-sobrinho-que-viu-tio-morto-pela-prf.htm>>

uma sequência de eventos, atos violentos, minimamente descritos, revelando uma atitude brutal, nada condizentes com o que se espera da função dos policiais rodoviários federais. Dessa forma, a sequência dos acontecimentos implica numa incongruência a ser resolvida pela família da vítima, que apresenta uma solução: “Minha mãe chegou ao local, se apresentou com os documentos dele [...]”.

Porém a solução apresentada não lhes foi satisfatória, levando para um outro desfecho: “[...] e eles seguiram com meu tio [dentro da mala], na maior maçada. Foi então que engataram o reboque e saíram em cortejo com meu tio, na pista, bem devagarzinho”.

Além de apresentar as características peculiares da narrativa, os trechos analisados acima são marcados pela presença de alguns VMets que ajudam no fluxo da narrativa na interação e inferem aspectos subjetivos à história narrada. Por exemplo, a atitude do policial deixa margem para uma interpretação de descaso, de menosprezo à vida do outro, implicando o coda avaliativo.

Além disso, temos nessa narrativa a inferência de histórias genéricas, “padrões comuns” que geralmente se repetem com bandidos e agressores, como a condução em viaturas para a delegacia. Por outro lado, há também elementos linguísticos que remetem a uma incongruência de atitudes e sentidos, como os veículos metafóricos “na maior maçada” que reforçam uma subjetividade ainda mais negativa, remetendo a uma ação provocativa e desumana, que infere um caráter incondizente com o princípio de segurança pública.

Uma outra incongruência também pode ser observada a partir do uso do VMet , “um cortejo” e da descrição “bem devagarinho”. Veja que geralmente a ação de várias viaturas está relacionada à necessidade de segurança extrema, como a escolta de bandidos de alta periculosidade. Um cortejo significa, segundo o dicionário, uma comitiva, uma procissão, em geral com objetivo de prestar uma homenagem. Ademais, o léxico também pode remeter a cortejo fúnebre. Nesse sentido, percebemos o uso desses recursos metafóricos para remeter ao desfecho trágico de conhecimento geral¹².

Ainda sobre essa primeira história, podemos dizer que narrativas violentas contra negros não são exceções. E embora a cor da pele não tenha sido mencionada pelo narrador, as manchetes dos jornais, bem como a

¹² A morte de Genivaldo de Jesus Santos, homem negro, chocou o país. Agentes da Polícia Rodoviária Federal colocaram Genivaldo de Jesus Santos na traseira da viatura, e em seguida detonaram uma bomba de gás lacrimogênio dentro da mesma, matando-o por asfixia. Fonte: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/10/15/morto-sufocado-por-prfs-veja-a-cronologia-do-caso-genivaldo-santos-em-sergipe.ghtml>

exposição de vídeos nas redes sociais (feitas por pessoas que presenciaram a cena) adicionam ao discurso narrativo um texto multissemiótico, que completa a narrativa exposta, nos fornecendo mais elementos para um pensar crítico, e um possível agir.

Além disso, as redes sociais adicionaram ao evento narrado outras histórias constituintes, como por exemplo, no seguinte comentário: “*todo dia morre um George Floyd*”. Observe que tal afirmação constitui uma narrativa metafórica, uma vez que ela aciona a ideia de violência policial contra negros, ancorada pela dimensão social e repercussão midiática alcançada por esse acontecimento. A expressão constitui narrativas recorrentes de violência policial contra negros, e o veículo metafórico George Floyd redespertou a ideia de “vidas negras importam”¹³.

Na narrativa exposta, encontramos o Vmet “uma sessão de tortura”, que, além de evocar o seu significado literal, pode também evocar outras histórias através do *frame* e da percepção que esse Vmet envolve, implicando, possivelmente, outras narrativas metafóricas.

Ainda, sobre a mesma história, percebemos no comentário a seguir a intrínseca relação entre narrativas e metáforas:

Eis que 80 anos depois, a PRF de Bolsonaro faz uma apresentação explícita de atos de tortura como **a asfixia em câmara de gás**, praticada no **Holocausto**. Promoveram destemidamente, a morte lenta e agonizante de um indivíduo, na frente de uma Plateia de espectadores que demonstravam anseio pela morte do cidadão.

Logo na primeira linha do trecho exposto acima, identificamos um recurso muito comum nas narrativas, situar um evento em relação a outro: “eis que 80 anos depois” significa mais do que indicar quando aconteceu, mas, principalmente, a ideia de que “a história se repete”.

Nesse trecho, o uso do Vmet “holocausto” pode ser considerado como uma hipérbole intencional usada para chamar atenção da gravidade do acontecimento, e dos métodos utilizados pela polícia na situação narrada. Além disso, a passagem exposta explicita a responsabilidade do acontecimento com o uso da metáfora “a PRF de Bolsonaro” posto que essa expressão remete tanto a uma metonímia cognitiva (Meton) na qual a PRF, como uma parte daquele governo, poderia igualmente representar outras instituições que deveriam atuar para a manutenção da lei e da ordem com foco nos direitos civis, quanto ao Vmet “a PRF de Bolsonaro”, que

¹³ O movimento Black Lives Matter surgiu em 2012 na luta contra a violência policial e o assassinato de jovens negros nos EUA, afirmando sobretudo a humanidade das populações negras. Com o assassinato de George Floyd, as manifestações do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), fortaleceram as lutas contra o racismo e os atos de violência policial contra negros em todo o mundo.

possibilita a emersão de *frames* sobre atitudes e/ou condutas abusivas. Ainda mais, em “promoveram destemidamente, a morte lenta e agonizante de um indivíduo”, percebemos o julgamento sobre o acontecimento como uma ação hedionda. Já o uso do VMet “plateia” nos fornece a ideia de entretenimento diante da cena brutal e de uma passividade cruel do espectador que assiste e se deleita com o sofrimento do outro.

Além desses, outro recurso presente é a ironia em “promoveram destemidamente a morte”, como se fosse necessário coragem e braveza para lidar com a situação exposta. Ironicamente, a força e o poder institucional são percebidos como atos desnecessários.

As considerações levantadas nesta seção, resultaram das análises de trechos de narrativas sobre violência presentes nas mídias sociais. A seguir, trataremos de trechos de narrativas sobre violência que emergiram dos sujeitos participantes durante a interação do grupo focal¹⁴.

9 NARRATIVAS CONVERSACIONAIS

Sobre as narrativas conversacionais, trazemos a análise de uma das narrativas identificadas no corpus que pertence a minha pesquisa de doutorado, sob a orientação da Professora Dr^a. Ana Cristina Pelosi. O corpus utilizado foi o resultado da interação verbal entre jovens moradores de uma periferia de Fortaleza, na faixa etária entre 18 e 29 anos, que participaram voluntariamente do grupo focal sobre a temática da violência.

Observamos que ao longo da interação algumas histórias emergiram de forma individual e outras foram construídas de forma coletiva, tais como histórias de vida, relatos pessoais, histórias genéricas, e histórias metafóricas. A seguir, trazemos um trecho da narrativa em que um jovem da comunidade compartilha sua experiência:

[...] eu mesmo já sofri violência policial na praça e [...] fui algemado, levado pra dentro da viatura como um criminoso pra delegacia, né? Então a questão mesmo aqui na Serrinha é a violência policial [...].

Nesse trecho, temos uma história pessoal que faz inferência a algo que não é extraordinário, “eu mesmo já sofri”. Ou seja, pode acontecer com qualquer um, mas aconteceu não com uma pessoa qualquer; pode acontecer em qualquer lugar, mas aconteceu “aqui na Serrinha”, bairro da periferia de Fortaleza¹⁵.

¹⁴ o grupo focal é uma técnica que permite a gravação de um discurso espontâneo e imprevisível, possibilitando a construção de um corpus que provavelmente não poderia ser construído através de outros instrumentos (Cameron et al., 2009; Cameron; Maslen, 2010).

¹⁵ Serrinha é um bairro periférico da cidade de Fortaleza-CE, administrado pela Secretaria Executiva Regional IV da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Nesse bairro, localiza-se o Aeroporto Internacional Pinto Martins, algumas das avenidas mais movimentadas da cidade e a sede da Universidade

É nesse contexto, que ao contar sua história, o jovem abre espaço para outras narrativas que foram emergindo espontaneamente, e corroborando a ideia de que jovens da periferia são vítimas potenciais desse tipo de violência.

Nesse contexto, com o intuito de demonstrar a intrínseca relação entre narrativas e metáforas, analisamos o trecho a seguir:

Estava indo ao aeroporto praticar esporte, e na volta da minha casa, fui abordado [...]. É [...] Por um policial de plantão. E também tinha uns policiais do civil. Minha mãe - me - se aproximou, ela foi recebida com fuzil no rosto. Aí [...] ele me perguntou o que eu ia fazer da minha vida e...eu disse que trabalhava vendendo produtos nas ruas e que eu era um estudante da UECE, que cursa filosofia, E eles não aceitaram. Chegou ao ponto de [...], chegou ao ponto de pegar nas partes íntimas e a falar, Meu ovo, Você é um noiado. E eu com minha identificação no bolso. É [...] E outras coisas como, UECE pra mim [...] UECE e filosofia pra mim é uma bosta.

Em nossas análises, verificamos que essa narrativa emerge em uma cadeia temática; e ao longo de algumas falas, a história começa a ser contada. Trata-se de uma experiência pessoal, em que o participante espontaneamente acrescenta um episódio por ele vivido. Nessa breve narrativa, a orientação se inicia com a contextualização. O cenário é o caminho de volta do aeroporto para casa. Nesse percurso, ocorre um conflito, uma abordagem policial, que vai sendo descrita com detalhes por quem sofre a violência.

Constatamos nesse trecho a presença de VMets capazes de evidenciar determinados processos mentais importantes na construção de narrativas e no desenvolvimento da temática. Nesse efeito, encontramos no trecho analisado os seguintes VMets: “fui abordado”, “fuzil no rosto”, “chegar ao ponto de”, “meu ovo”, “bosta”.

Em primeiro lugar, o VMet “fui abordado” em seu contexto situacional apresenta-se como parte de um *frame* interacional¹⁶: a interação entre a polícia e um jovem cidadão em um cenário congruente com a iminência de atitudes hostis por parte da polícia. Conseqüentemente, esse VMet remete a uma percepção negativa, que remete a projeção de um evento desagradável, que remete a uma sensação tensionada.

Sob uma outra perspectiva, o mesmo VMet “fui abordado” pode, também, estar relacionado ao *frame* de navio, enfatizando “abordar” como aportar, no caso da cena evocada aqui, possivelmente, o sentido de chegar

Estadual do Ceará-UECE, no entorno da qual existem algumas comunidades periféricas, nas quais as lutas sociais são experienciadas por diversos movimentos sociais, coletivos culturais e grupos organizados (Souza, 2021).

¹⁶ Segundo Duque (2015, p.33), “o *frame* interacional cobre a conceptualização de uma situação factual de comunicação entre o falante e o ouvinte ou entre o escritor e o leitor”.

muito próximo de alguém que se sente vulnerável pela aproximação de outrem; no caso aqui relatado, o narrador do incidente. Assim, a relação entre esse VMet e um possível *frame* relacionado a narrativas de histórias de aventuras marítimas poderia sugerir a construção de sentidos ligados à vulnerabilidade experienciada por pessoas vítimas de ataques de navios piratas que se aproximam de navios, pessoas ou terra firme com o intuito de causar mal. Esse Vmet, “fui abordado” estaria, assim, ainda que remotamente, inferindo uma situação de perigo, comum em narrativas (e.g. o navio foi assaltado, o território foi conquistado, fomos atacados).

Em segundo lugar, encontramos “fuzil no rosto”, que *a priori* nos parece essencialmente literal, pois retrata um acontecimento que de fato aconteceu. Porém, ao considerarmos a metáfora primária INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA, percebemos que há uma incongruência de sentidos, pois, nesse contexto, proximidade não é intimidade. Ao contrário, PROXIMIDADE É INTIMIDAÇÃO, e a percepção que se evoca é de desrespeito, intimidação e desprezo pelo próximo.

Em seguida, temos o veículo metafórico “chegar ao ponto de” que ativa o esquema imagético¹⁷ de TRAJETÓRIA, constituída de partes que se conectam por pontos intermediários e que definem pequenos percursos marcados por acontecimentos. Os pontos marcam eventos relevantes na narrativa, porém o VMet “chegar ao ponto de” indica uma ação complicadora, que interrompe, mesmo que momentaneamente, o *continuum* da trajetória indicando a tensão máxima da narrativa, configurando a ação complicadora. Assim, percebemos que conceitualmente NARRATIVAS SÃO TRAJETÓRIAS, e ACONTECIMENTOS SÃO LUGARES.

Ainda, podemos citar “meu ovo”, usado para se referir figurativamente ao órgão sexual masculino, exarcebando um sentido perjorativo. Tal efeito é acentuado através da linguagem gestual usada na narrativa, inferindo uma atitude de desrespeito, ofensa e humilhação validada pelo uso de outros VMets, como “noiado”¹⁸.

¹⁷ “Um conjunto de conhecimento que representa um determinado procedimento genérico, objeto, percepção, evento, sequência de eventos ou situação social” (Johnson, 1987, p.19). Para Johnson (1987), algumas metáforas são fundamentadas em esquemas imagéticos, CONTAINER, FORÇA, EQUILÍBRIO, etc. Para mais detalhes e informações, sugiro a leitura do livro: **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason** (Johnson, 1987).

¹⁸ [Brasil, informal] Que ou o que está entorpecido ou sonolento, geralmente devido ao efeito de drogas (você estava muito noiada; havia um grupo de noiados na praça) = DROGADO “noiado”, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/noiado> [consultado em 01-03-2023]. Etimologia (origem da palavra noia). Forma reduzida de paranoia <https://www.dicio.com.br/>

Retomando os elementos da narrativa, o trecho traz além da ação complicadora, a resolução, e a coda. A resolução é marcada quando o narrador-personagem se identifica como trabalhador e estudante da UECE. Já a coda avaliativa se apresenta no discurso do policial e infere um julgamento imbricado. Esse entendimento é fortalecido pela identificação dos VMets “meu ovo” e “bosta” que inferem sentidos de menosprezo, baixa qualidade e irrelevância, tanto ao estudante quanto à instituição. Nesse sentido, esse raciocínio nos remete a outras narrativas, que, como essa, apontam para um cenário de ambiguidades entre o papel da polícia e a face exposta.

Não surpreendentemente, essa narrativa trata de mais uma história genérica: um jovem negro, morador da periferia agredido pela polícia; e um representante da segurança pública, que faz do seu trabalho uma forma de intimidação e humilhação. Além disso, essa história se constitui por outras histórias: a história de um filho que presencia uma agressão à sua mãe; a história de um jovem que trabalha para sobreviver; e a história não-genérica de um jovem negro pobre que chega à universidade.

Das histórias compartilhadas, o uso de termos que inferem casualidade é algo a ser discutido, pois, as generalizações banalizam os fatos, e “explicam” os acontecimentos, dando a ideia de a violência sofrida na periferia ser algo que sempre vai existir.

Por outro lado, as histórias compartilhadas também expõem uma realidade que precisa de mudança urgente. Dessa forma, narrativas como as apresentadas neste artigo, ao serem propagadas, reforçam a solidariedade do grupo e fortalecem a sua identidade, reforçando a ideia de que, nessa história, a pele escura, o cabelo afro, a tatuagem e a pobreza não justificam a trágica História na qual estamos todos inseridos.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões realizadas neste trabalho, corroboramos a ideia de que a narrativa permeia o uso da linguagem em quase todos os contextos (Ritchie, 2022). Dada a sua dimensão, apresentamos algumas definições de narrativas e *storytellings*, e sua intrínseca relação com os aspectos cognitivos, sociais e culturais, bem como sua relevância nos estudos da linguagem, metáforas e linguagem figurada. Além disso, vimos que a descrição de um evento pode receber o nome de narrativa ou de história, bem como uma narrativa (o contar de uma história) pode ser chamada de *storytelling*.

Não nos cabe aqui entrar no mérito de qual definição seria a mais coerente, se é que existe tal coerência, nem defender uma em relação a outra, mas partir de uma concepção mais holística, que incite uma reflexão

sobre a sua natureza epistemológica, em direção a uma definição mais específica que ancore o seu potencial ontológico.

Aqui, nos interessa a ideia de que metáforas muitas vezes implicam narrativas e tais narrativas muitas vezes são metafóricas (Ritchie, 2010; Ritchie; Cameron, 2014; Ritchie, 2017; 2022), pois acreditamos que os estudos sobre metáfora e linguagem figurada têm encontrado nas narrativas um forte aliado para os estudos do discurso e do pensamento, possibilitando maior abrangência na compreensão do sentido, das significações e suas implicações.

Além disso, as análises, ainda que preliminares, indicam que as narrativas são instrumentos de conhecimento e de fortalecimento individual e coletivo. Vale também observar que, durante a interação, o discurso é marcado por uma sequência de narrativas e de histórias dentro de histórias; ou ainda, de histórias metafóricas dentro das narrativas. Logo, as narrativas interacionais e os estudos da metáfora favorecem a compreensão de ideias, crenças e emoções dos participantes, e ainda, podem revelar padrões de linguagem pertencentes a determinados grupos.

Em suma, reforçamos a continuidade dessa investigação e pretendemos ampliar as análises com um olhar ainda mais criterioso, buscando investigar as representações cognitivas socioculturalmente situadas na linguagem figurada, metáforas, metáforas sistemáticas, narrativas, narrativas metafóricas e cenários metafóricos relativos à conceptualização da violência, com o objetivo de conhecer as ideias, os comportamentos e as atitudes de jovens brasileiros que vivem na periferia de Fortaleza e que, como moradores de tais periferias, enfrentam a violência nas suas vivências diárias.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, H. P. **The Cambridge Introduction to Narrative**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- ABBOTT, H. P. Narrative and Emergent Behavior **Poetics Today**., v 29, p. 227-244, 2008.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada**, 31(4). 2015. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/22221>
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CAMERON, L. Confrontation or complementarity: metaphor in language use and cognitive metaphor theory. **Annual Review of Cognitive Linguistics**. v.5, n. 1, p. 107-135, 2007.
- CAMERON, L., MASLEN, R., and LOW, G. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, v. 24, n. 2, p. 63–89, 2009.
- CAMERON, L., MASLEN, R., and LOW, G. Finding systematicity in metaphor use. In Cameron, L and Maslen, R. (Eds.), **Metaphor analysis: Research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. London: Equinox, 2010. p. 116-146.
- DENNING, S. **The Secret Language of Leadership: How Leaders Inspire Action Through Narrative**. Jossey-Bass ed. 2007
- DESSALLES, J. L. Why talk? In Dor, D., Knight, C., and Lewis, J. (Eds.), **The social origins of language**. Oxford University Press, 2014. p. 284-296
- DUNBAR, R. I. M. Grooming, gossip and the evolution of language. London: Faber and Faber. 1996.
- DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, 1(39), 25–48. 2015. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.902>
- FIELD, J. **Psycholinguistics: the key concepts**. London: Routledge, 2004.
- Homem morre asfixiado em porta-malas de viatura em Sergipe. **Notícias uol**. Rio de Janeiro, 27 Mai. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/05/26/homem-morre-asfixiado-em-porta-malas-de-viatura-em-sergipe.htm>. Acesso em: 27 Mai. 2022.

JOHNSON, M. **The body in the mind:** The bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: University of Chicago Press, 1987

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Princípios e métodos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis. In: HELM, J. ed. **Essays on the Verbal and Visual Arts.** Seattle: U. of Washington Press, 1967.

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History.** v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh.** New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; NARAYANAN, S. Toward a Computational Model of Narrative. AAAI Fall Symposium: **Computational Model of Narrative.** 2010.

MADEIRO, Carlos. Homem morto pela polícia em SE perguntou 'por que isso?', diz sobrinho. **Uol notícias.** Rio de Janeiro, 26 Mai. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/05/26/ele-so-perguntava-a-eles-por-que-diz-sobrinho-que-viu-tio-morto-pela-prf.htm>. Acesso em: 27 Mai. 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação.** 2. ed. São Paulo: Ática. 1991.

MUSOLFF, A. Metaphor scenarios in public discourse. In **Metaphor and Symbol,** 2006, p. 23-38.

PELOSI, A. C.; CAMERON, L.; FELTES, H. P. M. Urban violence in Brazil and the role of the media: communicative effects of systematic metaphors in discourse. **Metaphor and the social world,** v. 4, p. 27-47, 2014.

PRINCE, G. **Narratology:** The Form and Functioning of Narrative. Mouton, Berlin. 1982.

RITCHIE, L. D.; CAMERON, L., "Open hearts or smoke and mirrors: Metaphorical framing and frame conflicts in a public meeting". **Metaphor and Symbol,** 29, 204-223, 2014.

RITCHIE, L. D. "Everybody goes down": Metaphors, stories, and simulations in conversations. **Metaphor and Symbol,** p. 123-143, 2010.

RITCHIE, L. D. **Metaphorical Stories in Discourse.** Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

RITCHIE, L. D. **Feeling, Thinking and Talking:** How the Embodied Brain Shapes Everyday Communication. Cambridge University Press, to be released autumn, 2022.

SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. Knowledge and memory: The real story. In Wyer, R. S. Jr. ed. **Knowledge and memory: The real story**, pp. 1-86. Advances in Social Cognition, Vol. VIII. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

SCHANK, R. C.; BERMAN, T. R. The pervasive role of stories in knowledge and action. In M.C. Green, J. J. Strange, & T. C. Brock (Eds.), **Narrative impact: Social and cognitive foundations**, p. 287–314. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

SOUSA, A. O. de B. **Cartografia de letramentos de insurgência dos movimentos sociais da periferia: “atravessando a rua” com o Programa de Extensão Viva a Palavra**. 2021. 337f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. I & II, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London; England, 2000.

XAVIER, A. **Storytelling** [recurso eletrônico]. 1. ed. - Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2015.

GABRIEL, MARIA HELENA CLARINDO.
NARRATIVAS E METÁFORAS: UM ELO NA
CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EMERGENTES NA
INTERAÇÃO. **ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, v. 14,
n. 1, E2746, p. 95-118, JAN.-ABR./2024. DOI:
10.22168/2237-6321-12746